

Além de Nietzsche: a crítica do *amor fati* na obra de Léon Chestov

Antônio Pedrosa Castellar Pinto

Mestrando em Filosofia na PUC-Rio

Bolsista do CNPQ

<http://lattes.cnpq.br/6908333733307685>

antoniocastellar@gmail.com

46

A influência de Nietzsche sobre os existencialistas é inegável. Léon Chestov, filósofo russo, por sua vez, também é considerado precursor do existencialismo, mesmo sua obra sendo relativamente desconhecida; e seus escritos, da primeira metade do século XX, estão fortemente fundamentados em conceitos nietzscheanos. Denominando-se um defensor mais aguerrido da filosofia da vida do que Nietzsche, Chestov procede, em *Atenas e Jerusalém*, à crítica do *amor fati*, conceito chave do alemão. Pela relevância de Chestov para o existencialismo e por sua filosofia ser pouco conhecida, este trabalho justifica-se. Seu objetivo consiste na explicação da referida crítica a Nietzsche.

Para realizar sua crítica, Chestov estabelece, primeiramente, um novo modo de pensar. Segundo ele, desde sua criação, na Grécia, o problema da filosofia seria o entendimento da “liberdade” como conhecimento das leis da necessidade, no que ele via uma submissão ao fato. Mesmo durante a Idade Média, quando se procurou unir fé e filosofia, Chestov argumenta ter havido uma submissão da fé à mentalidade grega. A mentalidade abraâmica, que prioriza a fé sobre o conhecimento, teria sucumbido à mentalidade helênica, por meio da escolástica.

Nisso estaria o erro basilar da filosofia, ao subjugar a fé – espécie de sinônimo para “ingenuidade” – às leis do mundo. Para um Deus onipotente, não existem leis a serem conhecidas para a aquisição da liberdade. Essa se operaria pela fé ingênua, que acaba por dar premência à vontade individual sobre a realidade, na crença do milagre. De acordo com o filósofo russo, a busca pelas leis da necessidade representaria a anulação da vontade dos sujeitos. Por essa anulação, Chestov entende uma valorização da morte sobre a vida. Uma filosofia inspirada na mentalidade abraâmica estaria mais próxima da vida, por negar a superioridade da necessidade sobre o sujeito: nisso consiste sua crítica ao

amor fati, sintoma da fraqueza de Nietzsche, ao procurar apropriar-se da necessidade como positividade.

Como ocorreu com outros da *intelligentsia* russa da chamada Idade de Prata, Chestov foi relegado a considerável ostracismo. Os anos mais repressores que sucederam a revolução excluíram muitos autores do rol oficial. A partir da década de 1960, contudo, certa liberalidade passou a ser introduzida na URSS, o que fez circular autores esquecidos. Esses autores serviram de insumo a questões filosóficas por que passava o país. Sua crítica ao *amor fati* pode ser interpretada como representação de problemas existenciais vividos pela população do período soviético tardio, sobretudo no que concerne à categoria de “sujeito”.

Palavras: Nietzsche. Chestov. *Amor fati*. Idade de Prata. URSS tardia. Sujeito.

Bibliografia

CHESTOV, L. *Athènes et Jérusalem*. Aslon, França: Le Bruit Du Temps, 2011.

MEAD, I.; SJEKLOCHA, P. *Unofficial Art in the Soviet Union*. Berkley & Los Angeles: University of California Press, 1967.

NIETZSCHE, F. *A Gaia Ciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.